

Clareiras do Bosque

A clareira do bosque é um centro onde nem sempre é possível entrar; da extrema olha-se para ela e o aparecimento de algumas pegadas de animais não ajuda a dar esse passo. É outro reino que uma alma habita e guarda. Algum pássaro avisa e chama para ir até onde a sua voz for marcando. E obedece-se a ela; depois não se encontra nada, nada que não seja um lugar intacto que parece ter-se aberto nesse único instante e que nunca mais se dará assim. Não há que procurá-lo. Não há que procurar. É a lição imediata das clareiras do bosque: não há que procurá-las, nem tão-pouco procurar nada delas. Nada determinado, representado previamente, já sabido. E a analogia da clareira com o templo pode desviar a atenção.

Um templo, mas feito por si próprio, por “Ele”, por “Ela” ou por “Isto”, embora o homem com o seu labor e com a sua simples passagem o tenha lentamente aberto ou amplia-

do. A acção humana não conta, e quando conta dá então algo de praça, não de templo. Um centro em toda a sua plenitude, por isto mesmo, porque o esforço humano fica apagado, como desde sempre se pretendeu que aconteça no templo edificado pelos homens à sua divindade, que pareça feito por ela própria, e as imagens dos deuses e seres sobre-humanos que sejam a marca impressa desses seres, nos elementos que se conjugam, que jogam de acordo com esse ser divino.

E fica o nada e o vazio que a clareira do bosque dá como resposta àquilo que se procura. Mas se nada se procura, a oferta será imprevisível, ilimitada. Já que parece que o nada e o vazio — ou o nada ou o vazio — têm de estar presentes ou latentes continuamente na vida humana. E para não se ser devorado pelo nada ou pelo vazio há que fazê-los cada homem em si, há pelo menos que deter-se, ficar em suspenso, no negativo do êxtase. Suspender a pergunta que cremos constitutiva do humano. A maléfica pergunta ao guia, à presença que se desvanece se for acossada, à própria alma asfixiada pelo perguntar da consciência revolta, à própria mente a que não se consente tréguas para conceber em silêncio, obscuramente também, sem que a pergunta interruptora a faça desaparecer na mudez da escrava. E o temor do êxtase que perante a claridade vivente acomete obriga a fugir da clareira do bosque o seu visitante, que assim se torna intruso. E se entra como intruso, escuta a voz do pássaro como reprovação e como troça: “buscavas-me e agora, quando te sou enfim propício, voltas para esse lugar onde respirar não podes”, ou algo semelhante soa no seu canto desigual. E um certo sossego pode procurar essa reprovação e essa troça. Na cena das bodas, único momento em que Dante encontra Beatriz frente e frente, ele vê-a troçar, como uma dama vulgar com as suas amigas, da perturbação que o enamorado sem par sente ao vê-la tão perto e ao poder servi-la inesperadamente. E foge para o aposento vizinho, e o amigo apresentador — guia — pergunta-lhe qual a causa de tanta perturbação. *Io tenni li*

*piedi en quella parte de la vita di là de la quale nom si puote ire più per intendimento di ritornare.*¹

E aparece depois na clareira do bosque, no que está escondido e no acessível, pois já o temor do êxtase a tornou toda igual, o tremor do espelho, e nele o anúncio e o final da plenitude que não chegou a dar-se: a visão adequada ao olhar acordado e adormecido ao mesmo tempo, a palavra pressentida, no máximo. Mostra-se agora a clareira como espelho que treme, claridade adejante que mal deixa desenhar-se algo que simultaneamente se desvanece. E tudo alude, tudo é alusão e tudo é oblíquo, a própria luz que se manifesta como reflexo dá-se obliquamente, mas não lisa como uma espada. A luz curva-se ligeiramente, arrastando consigo o tempo. E não se esquecerá nunca que a curvatura de luz e tempo não é castigo, ou que não o é somente, mas testemunho e presença fragmentada da redondez do universo e da vida, e que o tremor é irisação da luz que não deixa de descer e de curvar-se em toda a curva escura, que se insinua assim, já que directamente não pode sem violência avassaladora permitir a si própria entrar no nosso último recanto de defesa. E as próprias cores nascem para nos tornar a luz acessível. E o Arco-Íris resplandece, antes que em cima nos céus, em baixo, entre o escuro e a espessura, criando assim uma imprevisível clareira propícia.

Brilham as cores sustendo-se até ao último instante de um desvanecimento no jogo do ar com a luz, e do céu que quase imperceptivelmente se move. Um céu descontínuo, ele mesmo uma clareira também.

E as cores sombrias aparecem como privilegiados lugares da luz que neles se recolhe, adentrando-se para depois se mostrar juntamente com o fogo no ramo dourado que se estende para a divindade que fugiu ou que não chegou ainda. E

¹ *Eu tinha meus pés naquela parte da vida à qual não se pode ir com intenção de regressar.* María Zambrano refere-se a um trecho da *Vita Nuova*, de Dante. (N. do T.)

assim são breves as paragens do amigo do bosque. Um duplo movimento o reclama, sobrepondo-se: o de ir ver e o de chegar até ao limite do lugar por onde a divindade partiu ou a anunciava. E depois há que continuar de clareira em clareira, de centro em centro, sem que nenhum deles perca nem altere nada. Tudo se dá inscrito num movimento circular, em círculos que se sucedem cada vez mais abertos até que se chega ali onde não há mais que horizonte.

Alguma figura nesta lonjura anda prestes a mostrar-se à beira da corporeidade, ou antes para lá dela, sem ser um esquema nem um simples signo. Figuras que a visão apetece na sua cegueira nunca vencida pela visão de uma figura luminosa nem por nenhum esplendor. Algum animal sem fábula olha nesta lonjura. Algum farrapo desprende-se de uma brancura não vista, algo, algo que não é signo. Nada é signo, como se se vislumbrasse um reino onde o que significa e o significado fosse um só e o mesmo, onde o amor não tenha que ser suportado nem a natureza ande como uma ovelha perdida ou surpreendida que aparece e se esconde. E a luz não se reflete nem se curva nem se estende. E o tempo sem caminhos não decorre, lá longe onde se enuncia o centro que por instantes espelham as clareiras deste bosque.

E a visão longínqua do centro que mal se vê, e a visão que as clareiras do bosque oferecem, parecem prometer, mais que uma visão nova, um meio de visibilidade onde a imagem seja real e o pensamento e o sentir se identifiquem sem ser à custa de se perderem um no outro, ou de se anularem.

Uma visibilidade nova, lugar de conhecimento e de vida sem distinção, parece ser o íman que conduziu todo este percorrer de modo análogo a um método de pensamento.

Todo o método salta como um “*Incipit vita nova*” que se nos estende com a sua inalienável alegria. Ouve-se o *alleluia* no Discurso cartesiano. O ressoar do voto aceite ao descobrir a “Clarté” à obscura e sagrada Madona de Loreto. Mas o que se vislumbra, se entrevê ou está prestes a ver-se, e ainda o que chega a ver-se, dá-se aqui na descontinuidade. O que

se apresenta de imediato acende-se e desvanece-se ou termina. Mas não por isso passa simplesmente sem deixar pegada. E o que foi entrevisto pode encontrar a sua figura, e o fragmentário ficar assim como nota de uma ordem remota que nos estende uma órbita. Uma órbita que menos ainda que ser percorrida pode ser vista. Uma órbita que somente se manifesta aos que confiam na passividade do entendimento aceitando a irremediável descontinuidade em troca da imediatez do conhecimento passivo com o seu consequente e contínuo padecer.

Todo o método é um “Incipit vita nova” que pretende estilizar-se. A característica principal do método é a continuidade, de tal maneira que não sabe pensar num método descontínuo. E como a consciência é descontínua — todo o método é coisa da consciência — resulta a disparidade, a não coincidência do viver conscientemente e do método que se lhe propõe.

Todo o método surge de um instante glorioso de lucidez que está para lá da consciência e que a inunda. Ela, a consciência, fica assim vivificada, esclarecida, fecundada em verdade por esse instante. Se o método se refere somente ao conhecimento objectivo, vem a ser um instrumento, lógico ao fim e sem remédio, embora vá para lá do “Organon” aristotélico. E fica então como um instrumento disponível a toda a hora. Mas não a toda a hora o pensamento segue a lógica formal, nem nenhuma outra, por material que seja. A consciência cansa-se, decai e a vida do homem, por muito consciente que seja e por muito amante do conhecer, não está aplicada continuamente nisso. E fica assim desamparado o ser, fica confiado a tudo o mais que em si leva, e que, se foi dominado, ameaça com a rebelião disfarçada e com a simples inércia, que está sempre à espreita.

E assim somente o método que considerasse todas as circunstâncias desta vida, enfim desamparada da lógica, incapaz de instalar-se como em seu meio próprio no reino do logos acessível e disponível, daria resultado. Um método sur-